

MARIA VIRGINIA STEFANUTO

**A INVISIBILIDADE DO TRABALHO DA MULHER NA AGRICULTURA
FAMILIAR NA VILA RURAL “RECANTO FELIZ” NO MUNICÍPIO DE
ANDIRÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Ione Maria Aschidamini**

MATINHOS

2011

A INVISIBILIDADE DO TRABALHO DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR NA VILA RURAL “RECANTO FELIZ” NO MUNICÍPIO DE ANDIRÁ

Maria Virginia Stefanuto¹

Ione Maria Aschidamini²

RESUMO

O presente artigo tem como foco demonstrar a situação da mulher na agricultura familiar, explicitando as relações de trabalho na Vila Rural “Recanto Feliz”, no município de Andirá, norte do Paraná, ressaltando a importância da participação feminina na atividade de produção, evidenciando que o trabalho doméstico tem uma trajetória de divergências, apesar de essencial para a manutenção do lar, ele é ao mesmo tempo cada vez mais invisível em termos de reconhecimento social, com baixa remuneração e pouca valorização na sociedade moderna, contudo, as atividades domésticas proporcionam prazer e satisfação pessoal tendo relevância e necessidade a essas mulheres, somente o casamento, a família e as atividades domésticas.

Palavras-chave Participação, família, reconhecimento social, agricultura familiar.

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo – Projovem Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná - Litoral, e-mail: virginiaestefanuto@bol.com.br

² Educador Orientador, UFPR Litoral..

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo consiste em demonstrar a imagem da mulher nas atividades agrícolas na Vila Rural “Recanto Feliz”, na cidade de Andirá, Norte do Paraná.

O trabalho se ateve à pesquisa de campo realizada na localidade descrita entre Abril e Maio de 2011, ao material disponível no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o da Associação de Moradores da Vila Rural e da EMATER (Empresa Brasileira de Extensão Agrícola).

Através da pesquisa e análise dos dados obtidos, constatou-se a participação das mulheres da Vila Rural nas atividades agrícolas, além da divisão sexual do trabalho e suas visões de trabalho. A escolha do tema e desenvolvimento deste trabalho deve-se ao fato da empregabilidade e funcionalidade do projeto em nosso município, pois o sistema de parceria apresentado junto aos moradores tem feito com que a vila rural e seus moradores prosperem.

Sabendo que família é a base das relações de produção no campo, através dessa pesquisa pretende-se ressaltar que, apesar das lutas em prol do reconhecimento do trabalho feminino, para as mulheres que contribuíram com a realização desse estudo, o prestígio não é seu objetivo maior, sendo sua família o objeto de realização pessoal e profissional.

DIRETRIZES CURRICULARES DE HISTÓRIA

De acordo com a DCE Diretrizes Curriculares da Educação Básica de HISTÓRIA, somos levados a dialogar e tira como ponto principal as verdades prontas e definitivas, junto a esta visão e utilizando-se do percurso formativo incorporado ao mecanismo de trabalho do Projovem Campo Saberes da Terra o aluno passa a ser o protagonista no trabalho pois as correntes historiográficas que são apresentadas na DCE da á a oportunidade de sermos os sujeitos da história. O

ProJovem Campo - Saberes da Terra oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental e visa ampliar o acesso e a qualidade da educação à essa parcela da população historicamente excluídas do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo.

SISTEMAS DE PRODUÇÃO E PROCESSOS DE TRABALHO NO CAMPO

No livro 2 - SISTEMAS DE PRODUÇÃO E PROCESSOS DE TRABALHO NO CAMPO, quando estudamos relação de trabalho e práticas culturais nos estabelecimentos familiares cujo objetivo seria o de refletir sobre os estabelecimentos familiares e as diferentes relações de trabalho que os sujeitos da agricultura familiar desenvolvem, fazendo uma relação com as suas práticas sociais e manifestações culturais tendo como proposta da jornada pedagógica, trabalho no campo: viver, produzir e transformar e tendo também o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre os estabelecimentos familiares e as diferentes relações de trabalho que os sujeitos da agricultura familiar vivenciam, relacionando com suas práticas e manifestações culturais nas atividades de integração de Saberes, trouxe algumas possibilidades de temas para serem debatidos entre os alunos entre eles A Invisibilidade do Trabalho das Mulheres na Agricultura Familiar e a luta por conquista de reconhecimento social, político e econômico, chamando a atenção para a problemática do trabalho na atualidade, em suas diferentes formas de trabalho, pois esta abordagem proporcionara uma pratica cultural local apropriando de uma consciência histórica que se leva em conta as práticas culturais de sujeitos conhecidos, onde as mulheres fazem parte da história e também da classe trabalhadora e foi a Nova Esquerda Inglesa que elegeu estes sujeitos trabalhadores como personagens centrais de seus estudos e surgem a partir dai uma nova de

consciência pois as pesquisas passam a ser ligadas aos costumes, as tradições populares contra hegemonias e principalmente por defender História como experiência do passado de homens e mulheres e as transformações sociais que poderão ser feitas no futuro.

Paulo Freire diz que é a curiosidade que nos move, que nos inquieta, que nos insere na busca, não aprendemos e nem ensinamos. Surge daí o tema para o meu artigo, pois pretendo aprofundar o conhecimento sobre Vila Rural e as diferentes relações de trabalho que os sujeitos da agricultura familiar vivenciam, identificando a participação da mulher na renda da família, como são divididas as atividades no trabalho entre homens e mulheres, numa problematização: mulheres trabalham são provedoras de renda, realizam atividades domésticas. Por que elas realizam atividades e acham que não participam da renda familiar?

No campo brasileiro, mulheres representam 39% das pessoas ocupadas em atividades agrícolas não remuneradas e 42% das ocupadas na produção para o consumo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nesse contexto a mulher participa ativamente da atividade agrícola familiar, ajuda a família, trabalha gratuitamente e não tem reconhecimento até por ela mesmo, e isto resulta na sua invisibilidade em relação ao trabalho.

MAS, AFINAL, O QUE É O TRABALHO?

Trabalho é o processo onde são aplicadas forças ou faculdades humanas para alcançar um determinado fim, ou seja, atividades coordenadas, de caráter físico e/ou intelectual, necessárias à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento. Durante muito tempo o trabalho foi visto como desvalorização. Para Platão (428- 347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.) o trabalho tinha ligação com à necessidade do homem. Na Idade Média trabalho estava ligado a castigo por isso era destinado a servos e havia distinção entre o trabalho feito pelas mulheres, seguindo nesta época o referencial religioso.

Um novo conceito só surge na Idade Moderna quando o trabalho passa a ser valorizado, pois faz ligação pela primeira vez de trabalho e liberdade vai servir como estímulo para o desenvolvimento humano, pois segue as idéias do Renascimento e dos iluministas, e a divisão sexual do trabalho se faz presente mesmo com a consolidação do capitalismo e com o surgimento das fábricas, onde fortalece essa divisão, pois o que era esperado das mulheres é que elas ficassem com o mundo da casa com todos os seus cuidados, era a visão de um mundo privado marginalizado, de menor remuneração, o que não acontecia em relação aos homens. No sistema fabril as mulheres foram exploradas com salários mais baixos e longa jornada de trabalho e sem deixar de realizar suas funções no lar. E manter esta estrutura patriarcal a divisão sexual do trabalho transpassa ainda no século XXI.

O trabalho mais árduo e prolongado de todos era o da mulher do trabalhador na economia rural. Parte desse trabalho era orientado pelas tarefas domésticas. Outra parte se dava nos campos, de onde ela retornava para novas tarefas do lar. (adaptado de THOMPSON, 1998, p287-288)

A divisão sexual do trabalho, é uma discussão que nos acompanha há muito tempo e tendo a família como centro da formação da sociedade começa aí a divisão da chamada função do homem e função da mulher e com um domínio maior do homem pois segue o modelo patriarcal e destaco a obra de Marx e Engels que já apresentavam elementos sobre esta divisão:

(...) na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas uma às outras, dá-se ao mesmo tempo a distribuição e com efeito, a distribuição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; ou seja, a propriedade, que já tem seu núcleo, sua primeira forma na família, onde a mulher e os filhos são escravos do marido (...) (Marx e Engels, 1977; 46).

O trabalho tem um significado especial para nós seres humanos e torna um fator importante para o desenvolvimento e na agricultura familiar isto não é diferente, pois:

“na produção os homens agem não só sobre a natureza, mas ainda uns sobre os outros. Não podem produzir sem colaborar de maneira determinada e sem estabelecer um intercambio de atividades. Para produzir, os homens contraem determinados vínculos e relações uns com os outros, e é através desses vínculos e relações sociais que se estabelece a sua ação sobre a natureza, que se efetua a produção” (Marx, Karl. Trabalho Assalariado e Capital, São Paulo, Global Editora, 1987).

AGRICULTURA FAMILIAR

Segundo dados do Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) a agricultura familiar representa 85,2% do total dos estabelecimentos, que ocupam 24,8% da área total e são responsáveis por 38% do valor bruto da produção Agropecuária Nacional. Há muito se tinha que a agricultura familiar era tão só atividade de subsistência. Isso não é verdade, pois a agricultura familiar está crescendo cada vez em termos de economia brasileira

Os processos sucessórios da agricultura familiar ainda são influenciados culturalmente pela permanência dos filhos jovens frequentemente são os que mais migram para as áreas urbanas em busca de oportunidades de trabalho, geralmente pela falta de condições de continuar no campo e não necessariamente por uma opção pela vida na cidade. Essa realidade somada à condição subalterna da mulher nas relações familiares com desvalorização das atividades que desempenham, ao exaustivo trabalho doméstico sem reconhecimento, e ao pouco espaço que elas ocupam no processo de comercialização dos produtos agrícolas, contribui para sua saída e conseqüentemente para a “masculinização do campo”.

AFINAL O QUE É GENERO?

O primeiro censo brasileiro realizado vem com a data de 1872 e a população constava de 9.700.187 pessoas – 4.694.943 eram mulheres e dessas 689.998 eram mulheres escravas. Dados do Censo 2010, divulgados pelo IBGE, revelam que o Brasil tem 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens. Em 2010, apenas 15,65% da população (29.852.986 pessoas) viviam em situação rural, contra 84,35% em situação urbana (160.879.708 pessoas). Sobre mulheres, mesmo as mais escolarizadas que os homens, o rendimento médio delas continua inferior ao deles (as mulheres ocupadas ganham em média 70,7% do que recebem os homens), situação que se agrava quando ambos têm 12 anos ou mais de estudo (nesse caso, o rendimento delas é 58% do deles). As mulheres trabalham em média menos horas semanais (36,5) que os homens (43,9), mas, em compensação, mesmo ocupadas fora de casa, ainda são as principais responsáveis pelos afazeres domésticos, dedicando em média 22 horas por semana a essas atividades contra 9,5 horas dos homens ocupado e permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares. No Brasil, a média de horas gastas pelas mulheres a partir dos 16 anos de idade em afazeres domésticos é mais do que o dobro da média de horas dos homens, podendo assim afirmar que o trabalho doméstico é um nicho ocupacional do sexo feminino, pois 93% de quem trabalha nesta área são mulheres.

O alvo de luta são as relações que se estabelecem a partir do que se convencionou ser próprio do masculino. Esse debate foi assumido pelo MSTTR, no seu conjunto, associando gênero à classe social e reconhecendo outras formas de discriminação e desigualdade a elas articuladas como as de gênero, raça e etnia.

E O QUE É GÊNERO?

É necessário entender a diferença entre gênero, identidade sexual e opção sexual. Identidade sexual é uma definição do ser homem e ser mulher, com base nas características biológico-genital e figura corporal. Opção sexual está no campo da orientação do desejo sexual: hetero, homo ou bissexual. E a identidade de gênero associa-se com a incorporação dos modelos femininos ou masculinos, que nada tem haver com a classificação que a história culturalmente desenhou de que os gêneros apareciam como opostos e complementares, porém com hierarquia: O homem dominador, a Mulher dominada, isso está tão enraizado na cultura e introjetado por cada pessoa que parece parte da “natureza humana” (Secretaria Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais da Fetracece)

O movimento de busca de conquistas pelas mulheres tem ampliado e crescido muito em nosso país, o trabalhador e a trabalhadora rural tem órgãos como a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), em nível nacional, a FETAEP (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná) em nível estadual e o MSTTR (Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais) nos municípios, pois são consideradas pessoas do campo e da floresta: mulheres jovens, homens e terceira idade, buscando juntos uma construção de condições digna de vida.

Hoje 30% por cento da diretoria destes órgãos tem de ser preenchido por mulheres, mas resumir-se a cotas é prejudicial quando não temos na verdade um preparo para as mulheres mais simples de estarem buscando mais participação e atuação junto a estes órgãos. As mulheres trabalhadoras rurais têm ampliado e fortalecido sua organização para construir o PADRS,(Projeto Alternativo de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário) que marcou um novo caminho na luta sindical, a partir da década de 90 na luta pela transformação das relações entre homens e mulheres e no combate a todas as formas de discriminação, desigualdades e opressão. Destaque para a Marcha das Margaridas, que realizou a sua quarta edição em Brasília e se consolidou na luta contra a fome, a pobreza e a

violência sexista a partir de grandes mobilizações nacionais que foram realizadas em 2000, 2003 e 2007. Em 2011, as mulheres marcharam com o lema “Desenvolvimento Sustentável com Justiça, Autonomia, Igualdade e Liberdade”.

Por que a Vila Rural Recanto Feliz?

O Município de Andirá tem um grande potencial agrícola onde predomina o minifúndio com área média de 40.00 hc. por lote. As principais culturas são: soja, milho, trigo, café, cana-de-açúcar, banana, abacate e outros. Com uma população de 20.615 habitantes sendo 19.356 urbana e 1.259 rural. Desse total 10.572 são mulheres e 10.043 são homens, e de acordo com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais desse total 46% são safristas 26% são diaristas e 28% são trabalhadores que exercem atividades como meeiros,, percenteiros , pequenos proprietários e trabalhadores de economia de regime de família. Observo que as mulheres tem conquistado muitas vagas de trabalho na maioria das indústrias da cidade, mas que existe um grande numero de mulheres trabalhando na lavoura principalmente no corte da cana, pois é um trabalho com carteira assinada e direitos garantidos. Temos pequenas propriedades rurais e grandes propriedades, dentre estas pequenas existem duas vilas rurais

O processo de implantação da Vila Rural Recanto Feliz, começou com a identificação da demanda de moradia no município. Os candidatos precisavam ter vínculo com a terra e morar há pelo menos cinco anos na cidade.

Após, selecionadas as famílias, começaram a escolha da área para construção, levou-se em conta características da terra, tais como, fertilidade do solo, topografia compatível para o plantio e presença de mata nativa. As obras de preparo, feitas pela Codapar (Companhia de Desenvolvimento do Paraná) responsável pela coordenação social do projeto, execução de serviços de mecanização abertura e readequação e cascalhamento de ruas e estradas; abertura

de galerias para rede de água.

Todos os residentes devem contribuir para o bom relacionamento pessoal da vila, mantendo e cumprindo decisões discutidas em assembléia com o grupo que definem, junto com os técnicos da Emater/PR (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Paraná) o projeto sócio-econômico da vila, ou seja, o que será plantado em seus lotes, elaborar estudos técnicos e projetos, capacitar e orientar em: produção agropecuária; alternativas geradoras de renda; educação para a saúde; educação para a cidadania.

Inicia-se para os vileiros o período de adaptação e a habilidade para manter o sustento da família. Nessa fase, um conselho municipal avalia a adaptação e a produção dos lotes.

Entre os parceiros encontra a Secretaria de Agricultura e Abastecimento que, entre outras funções, analisa as condições técnicas da área para exploração da terra. A Emater/PR presta assistência técnica e de extensão rural aos vileiros e ainda fornece insumos e equipamentos.

As prefeituras municipais assumem uma grande importância nesta questão das parcerias. São elas que fazem a divulgação do programa entre sua população, que adquirem a área rural.

O trabalho de preservação e reflorestamento das Vilas Rurais é feito pela Coordenadoria de Empreendimentos Rurais da COHAPAR e funciona dentro da Lei Federal 4.771, que diz que em todas as áreas rurais deve ter uma reserva florestal de pelo menos 20% em relação a área total do terreno.

Uma pesquisa com um número de mulheres que vivem na vila com diferentes idades e diferente grau de instrução foi realizada para procurar entender qual a visão dessas mulheres em relação ao trabalho, a divisão sexual do trabalho e das responsabilidades de casa de mãe, seguindo um roteiro de questões elaborados em duas etapas procurando entender qual a visão em relação as suas funções a sua visão de exploração, buscando ver qual a sua visão a sua consciência em relação

ao seu crescimento profissional e de seu estado de mulher e o espaço em que ela ocupa na sociedade.

Observou que as mulheres mais velhas assumem os cuidados das crianças, pois as mais novas buscam outras alternativas de trabalho fora da vila e que não está ligado a lavoura é o caso da Débora que está há 13 anos na Vila, casada há 10 anos, é auxiliar de serviços gerais o marido é cortador de cana e ela acha que seu trabalho é importante pois ajuda o marido a sustentar a casa – cuidar dos filhos é responsabilidade dela e quando está trabalhando é a sogra – em seu tempo livre cuida da casa e dá atenção para os filhos tentando repor o carinho de que não dá quando está trabalhando. Ser mulher é bom por que gosta de ser casada, gosta de responsabilidade de fazer as coisas, gosta de ser mãe, pois família para ela está em primeiro lugar, segundo lugar está o casamento, terceiro lugar está a participação religiosa – trabalho em quarto lugar, estudo em quinto lugar participação política ela nem cogita.

A Ana terminou o ensino médio fez magistério – mora há 13 anos na Vila – ajuda o marido na estufa mas não tem ganho nenhum – família, casamento e participação religiosa, são os fatores mais importantes para ela. No tempo livre que é muito pouco gosta de ler e diz que agora com a nota do produtor fica mais fácil para se aposentar sendo esta a única preocupação dela para o futuro.

A dona Regina está casada há 36 anos, seu esposo é trabalhador rural e quando foram contemplados com um lote na vila ficou muito feliz, pois sempre pagou aluguel e hoje tem sua casa, seu pomar, sua horta – os filhos também moram com ela – ela nunca foi registrada, mas agora tem o nome na nota do produtor e diz que vai ser mais fácil para se aposentar – não tem salário cuida da casa e dos netos. Nunca estudou, pois quando era mais nova tinha vontade de estudar mas sempre trabalhou na roça e não tinha como fazer as duas coisas.

CONCLUSÃO

Cresce a organização das mulheres trabalhadoras rurais procurando combater as formas de discriminação a qual vinham sendo submetidas como no caso: gênero, raça, etnia, inclusive transformado em bandeira do MSTTR, mas não se percebe essa visão nas mulheres da vila Rural Recanto Feliz nem mesmo a divisão entre o trabalho do homem e da mulher nas atividades de produção. O trabalho doméstico passou e esta passando por movimentos de contradições tanto no que se refere em termos de valorização quanto em termos de desvalorização, pois continua girando em torno de algo sem prestígio que não dá lucro que ninguém vê, mas a atividade de casa aparece como prazeroso para essas mulheres e deixa de ser visto como uma condenação e que o casamento, os filhos e o trabalho de casa torna-se o alvo da maioria das mulheres da Vila Rural Recanto Feliz.

Elas não se veem como protagonista da política, pois julgam estar longe deste assunto e não percebem que há política também em nossa casa, quando de um jeito ou de outro fazemos economia, quando cobramos e incentivamos nossos filhos irem para a escola e participamos das reuniões onde se discutem os problemas da sala ou da escola e podemos deixar nossa opinião, quando nos envolvemos em uma campanha para ajudarmos alguém de nossa comunidade e assim por diante, pois política aparece a todos os momentos em nossas vidas, pois sempre onde há pessoas há política e nossa participação é decisiva.

A educação é fundamental para essa mudança de visão de mundo, reforçar a sexualização de papéis no interior da casa em nada contribui para a mudança de comportamento social.

Utilizei-me de nomes fictícios e alguns dados não foram relatados.

REFERÊNCIAS

ANAIS DO 10º CONGRESSO NACIONAL DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS. Desenvolvimento sustentável com distribuição de renda e cidadania para trabalhadores e trabalhadoras rurais. Brasília, 2009.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA MULHER: MULHER TRABALHADORA. Janeiro, 1986.

CADERNO PEDAGÓGICO EDUCANDAS E EDUCANDOS. Projovem Campo – Saberes da Terra. SISTEMAS DE PRODUÇÃO E PROCESSOS DE TRABALHO NO CAMPO. Brasília, 2010.

DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. História. 2008.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução: um estudo das trabalhadoras do telemarketing – 1. Ed. São Paulo: expressão Popular, 2006.

MAX, Karl. Trabalho Assalariado e Capital. São Paulo. Global Editora, 1987.

MELLO, Maria Conceição D’Incao e. O “Bóia-Fria”: acumulação e miséria Petrópolis: Vozes, 1975.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História regional e transformação social. In: SILVA, Marcos. Republica em Migalhas. São Paulo: Editora Marco Zero/ ANPUH, 1990.

REFERÊNCIAS DE FONTES

PREFEITURA Municipal de Andirá. Disponível em:

http://www.andira.pr.gov.br/v2/a_cidade/p_historia.aspHYPERLINK

"http://www.andira.pr.gov.br/v2/a_cidade/p_historia.asp..".HYPERLINK

"http://www.andira.pr.gov.br/v2/a_cidade/p_historia.asp..".HYPERLINK

"http://www.andira.pr.gov.br/v2/a_cidade/p_historia.asp..".

VEJA Andirá. Disponível em <http://www.vejaandira.cjb.net/>

DOCUMENTAÇÃO Territorial do Brasil. IBGE On-line. Disponível em

<http://biblioteca.>HYPERLINK

"<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/andira/>"ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/andira/. Acesso em: 06/07/2007